

## A ORIGEM DA SEMIÓICA

Janice Alves Gomes (IFG – Campus Uruaçu / UFG)<sup>1</sup>

### Introdução

A intenção deste trabalho é de fazer uma abordagem sucinta do processo histórico que levou à origem da Semiótica, especificando as contribuições deixadas por Ferdinand de Saussure, Mikhail Bakhtin e Louis Hjelmslev para a idealização desta nova ciência.

A Semiótica se desenvolveu a partir da Lingüística e só se firmou enquanto ciência da significação no século XX, mais precisamente na década de 60, com Algirdas Julien Greimas, lituano radicado na França. Mesmo que ela não tenha sido objeto de estudo de Ferdinand de Saussure, ele fala sobre sua importância ao afirmar que

... o problema lingüístico é, antes de tudo, semiológico, e todos os nossos desenvolvimentos emprestam significação a este fato importante. Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem;... Com isso, não apenas se esclarecerá o problema lingüístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência (SAUSSURE, 2006, p-25).

Como seria possível entender as línguas ou mais precisamente a lingüística, sem compreender os aspectos semiológicos? Ou seja, a língua fora de um contexto não se faz língua, mas somente signo, palavra.

Saussure foi o primeiro a utilizar o termo semiologia e a falar sobre sua importância, mas foi o norte-americano Charles Sanders Peirce quem primeiro utilizou o termo semiótica. Ambos se preocuparam com o signo propriamente dito, por isso a teoria semiótica demorou a se desenvolver da forma como a conhecemos hoje, século XXI. Eles desenvolveram suas teorias no mesmo período sem se conhecerem.

A Semiótica, como já foi dito anteriormente, é a ciência que estuda a significação. Ela, diferentemente da gramática, tem como objeto de estudo o texto e não a palavra ou frase, isolada. Seu objetivo é o de explicar os mecanismos, os procedimentos do plano do conteúdo, ou seja, explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.

Nessa acepção, Émilie Benveniste contribuiu imensamente com a semiótica ao desenvolver o estudo sobre a enunciação. Ele diz que

A enunciação será para nós a atividade languageira exercida por aquele que fala no momento em que fala. Ela é, portanto, por essência histórica, da ordem do acontecimento e, como tal, não se reproduz nunca duas vezes idêntica a si mesma (Idem, 2005, p-18).  
a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização (BANVENISTE, 2005, p-80).

Ou seja, é praticamente impossível estudar a semiótica sem considerar a enunciação, já que é a partir desta que se inscreve todo o contexto ao qual se insere a comunicação. É na enunciação que o sujeito enunciador transmite sua mensagem, e ele está sempre inserido em um espaço e em um tempo específicos. Benveniste deixa clara a idéia de que um enunciado nunca será reproduzido tal qual o fora pronunciado primeiramente porque o espaço, o tempo, e o locutário também mudam.

Roman Jakobson também deixou sua contribuição para a semiótica quando ampliou a proposta da comunicação humana. Do modelo linear de comunicação ao circular, ele inseriu mais três funções (função fática, metalingüística e poética) ao esquema que Bühler desenvolveu

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Goiás – Campus Uruaçu. Aluna do mestrado em Lingüística na Universidade Federal de Goiás.

para explicar como funcionava o ato comunicativo (função expressiva, apelativa e representativa). Jakobson defendia a teoria de que a “linguagem deve ser examinada em toda a variedade de suas funções, e não em relação à informativa (ou referencial ou denotativa), considerada no século XX a mais importante” (FIORIN, 2003, p-32).

Vários foram aqueles que deixaram sua contribuição para a Semiótica, dentre eles Roland Barthes, Algirdas Julien Greimas, Jacques Fontanille, Eric Landowski, Joseph Courtes. Mas a intenção, neste trabalho, é de mostrar o desenvolvimento da Semiótica por meio de uma comparação, especificando com mais precisão os teóricos já mencionados no início do texto. A necessidade de se abordar a história que levou ao desenvolvimento da Semiótica é de deixar registrada sua importância e complexidade.

Num primeiro momento será feita uma abordagem sobre a concepção de signo desenvolvida por Ferdinand de Saussure, por que ele se dedicou somente ao estudo da palavra; logo em seguida como Mikhail Bakhtin compreendeu como o signo se transforma em ideologia a partir dos discursos, neste caso, no discurso marxista; e por último a contribuição que Louis Hjelmslev deu à Semiótica, quando desenvolveu a teoria do signo a partir dos planos do conteúdo e da expressão.

## 1. Ferdinand de Saussure e a teoria do signo lingüístico

Foi no século XIX, considerado o século das revoluções científicas, que o filólogo Ferdinand de Saussure idealizou a Lingüística, enquanto ciência, firmada nas concepções e teorias defendidas pelos gregos, principalmente por Platão, no Crátilo. Nesta obra, Platão

opõe duas versões das relações entre natureza e cultura: Hermógenes defende a posição segundo a qual os nomes atribuídos às coisas são arbitrariamente escolhidos pela cultura e Crátilo vê nos nomes um decalque da natureza, uma relação fundamentalmente natural. Esse velho debate, recorrente, encontra em Saussure aquele que vai dar razão a Hermógenes com a sua noção de arbitrariedade do signo (DOSSE, 2007, p – 81).

Quando se afirma que Saussure foi o idealizador da Lingüística, é no sentido de que ele foi quem primeiro fez um estudo metodológico da linguagem que, segundo Milani (2000, p – 106) “previsse uma organização absoluta e um objeto de estudo claro”. Não há ciência sem um método específico, investigativo, e uma visão clara do que se estuda.

Como para ele não existe ciência sem objeto, iniciou seus estudos a partir das três fases consideradas ciências que antecederam o objeto de estudo da Lingüística. São elas: a) Gramática Tradicional – disciplina normativa que visa distinguir as formas corretas das incorretas, não possui visão científica e não se interessa pela própria língua; b) Filologia – tem como método a crítica, utiliza a linguística para comparar textos de diferentes épocas e especificar a língua de cada autor; c) Gramática Comparada – fez a descoberta de que as línguas podiam ser comparadas entre si, e tais comparações foram feitas a partir do Sânscrito. Franz Boop foi quem primeiro percebeu que este idioma tinha relações com o germânico, o grego, o latim, etc.

Se foi por meio dessas três fases que Saussure chegou à conclusão de qual seria seu verdadeiro e único objeto de estudo, ou seja, a língua, ele conseguiu desenvolver a teoria do signo nos moldes metodológicos comparatista, porque teve, também, como fonte de pesquisa personalidades como Friedrich August Schleicher, William Dwight Whitney, Wilhelm von Humboldt, Franz Boop, dentre outros. O que, na verdade, Saussure fez em seu *Curso de Lingüística Geral*, foi decodificar o estudo da linguagem, transcrever as idéias desses estudiosos de forma clara e precisa. E isso, de acordo com alguns pesquisadores, era o que ele fazia de melhor.

É importante lembrar que, quando se afirma que Saussure desenvolveu a teoria do signo no livro *Curso de Lingüística Geral*, é somente por uma questão didática, pois sabe-se que não foi ele quem escreveu e publicou a obra, mas seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger.

Ferdinand de Saussure não teve como objeto a língua, mas o método utilizado para se estudar a língua, ou seja, sua preocupação maior era com a metodologia utilizada para fazer o

estudo da língua. Para ele, nos estudos das línguas, o linguista deve considerar, em sua análise, os textos escritos por registrarem os idiomas do passado e do presente. Dessa forma, a linguística tem como tarefa:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria (SAUSSURE, 2006, p – 13).

Mesmo que tenha se detido no estudo da língua, Saussure defende que a Linguística tem duplo objeto. É ciência da linguagem — linguagem é faculdade humana, possui característica universal e imutável do homem; e é ciência da língua — sempre particular e variável. Sob essa perspectiva, a realidade só tem existência para os homens quando é nomeada, ou seja, o indivíduo só percebe no mundo o que a língua pode nomear. E são os signos que apreendem essa realidade.

O homem, de acordo com sua necessidade, categoriza o mundo por meio dos nomes que cria, ordenando-os em classes. E cada sociedade se encarrega de categorizar seu sistema de signos, o que faz com que as palavras formam sistemas autônomos, ou seja, cada língua categoriza o mundo de forma diferente, pois o contexto ao qual pertence é, também, diferente. Visão de mundo, concepção religiosa, cultural, política, filosófica influenciam na organização da estrutura lingüística de uma comunidade. Por isso Saussure afirmou que o signo é arbitrário. Ele não une uma coisa a uma palavra, mas uma imagem acústica, ou seja, a imagem psíquica — significante —, a um conceito — significado. Sobre essa questão, Milani pontua que:

A língua está composta por signos lingüísticos concretos de natureza essencialmente psíquica, formados de uma unidade acústica e uma unidade significativa conceitual. Na língua só existem imagens acústicas feitas de unidades de sons articulados: os fonemas. A imagem acústica, por sua vez, pode ser convertida em imagem visual: a escrita. E a característica de forma concreta do signo que permite sua fácil transformação para a escrita.

Saussure demonstra que e, algo material, a imagem acústica que chega até os ouvidos dos indivíduos que recebem a mensagem; são os sons que foram articulados pelo falante. O som é uma coisa concreta, e como coisa concreta não pode chegar até o centro de processamento das informações no cérebro. Assim, o que é transportado desde os ouvidos até o cérebro são as impressões psíquicas que os sons articulados causam nos indivíduos que recebem a mensagem.

Então, a imagem acústica não é material e sim psíquica. A afirmação de que ela é material devesse a necessidade que os ouvintes têm de separá-la do conceito, que é claramente psíquico. Outra razão é o fato de a imagem acústica ter uma origem externa ao indivíduo, na forma de uma estrutura física, que é o som articulado. Por isso, parece inevitável concluir que o signo lingüístico é sempre composto por dois elementos de natureza completamente psíquica: a imagem acústica e o conceito. (MILANI, 2008, p – 43)

Se para Saussure, *signo* é o *significante* mais o *significado*, para Humboldt, que trata o signo como ideologia, e foi fonte de pesquisa para Saussure, a *palavra* é que é o *signo* e este corresponde a uma *significação*. Signo, nesta concepção é a parte de uma identidade nacional, já a palavra é a matéria. Pela palavra se constrói signos, ou seja, ideologias. Humboldt defendia esta teoria porque para ele, a língua é uma forma de ver o mundo sob uma perspectiva, a ideológica. E a ideologia forma palavras. Quando se cria uma nova forma de ver ou analisar o mundo, se cria, também, palavras, que para Humboldt são sempre individuais.

Como ele não separa língua da fala, e diz que para o falante a língua é imutável vê-se uma mudança de perspectiva sobre a teoria defendida por Saussure, pois para ele, a fala não é importante, mas a língua sim. Seu foco é a língua, produto social, conjunto de convenções, um sistema. Há neste sentido uma controvérsia quanto ao pensamento humboldtiano, porque

Humboldt não explica o signo enquanto sistema, pois segundo ele, não se diz que a lingüística é a ciência da língua, mas da linguagem. Sendo a ciência da linguagem, então o signo é ideologia e não sistema.

Saussure diz que a relação significante/significado é arbitrária porque a idéia que se tem das palavras não está ligada à relação interior de sua sequência sonora. Por exemplo, se se diz *rua* em português a um chinês que ignora a estrutura lingüística desse idioma, provavelmente não conseguirá formatar, psiquicamente, a sequência *r-u-a*, unindo-o ao conceito que os falantes do português têm desse signo. Mesmo porque a língua chinesa possui uma estrutura isolante, diferenciando-se, assim, na forma como é raciocinada. Dessa forma, Saussure considera o pensamento como uma massa amorfa e os sons articulados seriam a parte fisiológica. Por isso a comunicação, na perspectiva saussuriana, é sempre falha, é sempre um acidente, pois o que o enunciatário escuta do enunciador nem sempre está inserido na sua percepção lingüística.

Humboldt defende que o som e o conceito nunca apresentarão uma união verdadeira, porque a palavra é a configuração individual do conceito. Este existe na alma, mas quando assume uma forma, passa a ser individual, por isso nunca se repete, e é nesse sentido que ele defende que o pensamento não depende da língua para existir, mas está preso a ela porque será por meio dela que ele se concretizará. O pensamento só é estruturado porque é anterior à língua.

Humboldt ainda afirma que a língua se adapta para sustentar o pensamento; não existe língua sem pensamento e nem pensamento sem língua. A língua é a manifestação do pensamento. Dessa forma, pensar significa aperfeiçoar a língua usada. Quanto mais o indivíduo pensa, mais ele aprende e mais fácil fica para pensar. Assim, mais ele usará a língua e mais irá pensar. É neste círculo vicioso, vamos dizer assim, que a língua evolui. Por isso Humboldt afirma que quem muda a língua é o indivíduo, mas para Saussure, essa mudança decorre da interferência coletiva, ou seja, só a sociedade tem o poder de mudar a língua.

Sobre a arbitrariedade do signo Saussure afirma que:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não se deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (... , que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo lingüístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2006, p – 83).

A questão é que o signo, para a língua, não pode ser contextualizado, ele é arbitrário absoluto, ou seja, é o encontro, como já foi dito anteriormente, de uma imagem acústica a um conceito e ambos são de natureza essencialmente psíquica. Mas há que considerar que o signo não está sempre isolado, porque está, normalmente, inserido em um contexto. Não se coloca um signo arbitrário em outro. Numa sequência da fala ou escrita, um signo irá determinar o outro, por isso, nesse sentido, ele não é arbitrário, mas é o puro valor.

O valor de um signo que em geral é considerado como equivalendo a um conceito, e distinguível, portanto, não por seu conteúdo, mas por aquilo que pode ser extraído da comparação com outros elementos do mesmo sistema. Ele é aquilo que os outros não poderiam ser. Desse modo, o valor de um elemento está determinado por outros elementos diferentes. Esses elementos criam a significação – de forma que não se poderia conhecer a significação do signo sem seus diversos valores possíveis.

Assim, conclui-se que o valor lingüístico, em qualquer nível, apresenta a fórmula simples de estabelecer sua identidade perante todos os outros valores do mesmo sistema. O significante lingüístico marca com precisão essa característica: ele não é aquilo que pode ser percebido pela matéria, mas pelas diferenças que o identificam em relação a todos os outros significantes da língua. Essas características são verdadeiras em se tratando de qualquer sistema de signos e podem ser observadas com absoluta clareza na fala e na escrita. (MILANI, 2008, p – 53, 54)

Quando Saussure incorporou na composição do signo, a noção de *valor* \_\_ conjunto de diferenças, pois um signo é o que os outros não são \_\_ o fez para mostrar que o que importa na

língua são as diferenças existentes entre conceitos e sons. A mesa é o que a cadeira não é, ou seja, um objeto composto por pernas, normalmente quatro, com superfície de madeira, vidro, mármore etc. e pode ser usada para se fazer as refeições, para se trabalhar, estudar, ou simplesmente como ornamento de um ambiente. O signo tem, então, uma significação reguladora, ou seja, *mesa* será sempre *mesa*.

Saussure se dedicou mais ao sistema sógnico lingüístico e a partir deste estudo fez algumas considerações sobre o sistema sógnico não-lingüístico. Sobre os sistemas sógnicos, Saussure diz que,

A língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego, *sêmeion*, “signo”) (SAUSSURE, 2006, p-24).

Não seria prudente afirmar que Saussure foi o idealizador da semiótica, mas ele foi um dos que, provavelmente, primeiro vislumbrou a necessidade de se deter num estudo mais aprofundado desta ciência e do acréscimo à compreensão do funcionamento do sistema social por meio da análise de seu discurso. O desenvolvimento de sua teoria do signo veio acrescentar para esta necessidade. Prova dista foi o investimento que outros pesquisadores como o próprio Mikhail Bakhtin fizeram nesse sentido.

## 2- O signo na concepção de Mikhail Bakhtin

Nas pesquisas referentes à linguagem, enquanto Saussure valorizou a língua, no estudo da teoria do signo, Mikhail Bakhtin se dedicou à fala, à enunciação, por ela estar ligada às condições de comunicação, que representam, por assim dizer, as estruturas sociais.

Bakhtin desenvolveu sua teoria do signo a partir da perspectiva do marxismo, não só por ser ele marxista, mas porque esta linha política de pensamento envolvia na Europa Oriental com uma proposta diferente da até então conhecida pelos líderes políticos e pelas sociedades. Ele defendia que a evolução do método marxista não poderia avançar sem submeter os problemas da filosofia da linguagem a um exame específico.

Para Bakhtin o produto ideológico é tão real quanto o corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, mas reflete e refrata outra realidade que lhe é exterior, o que não acontece com o corpo, o instrumento e o produto. Dessa forma, tudo que é ideológico possui significado, ou seja, tudo que é ideológico é signo. Sem estes não existiria ideologia. Assim se dá com os objetos (corpos físicos) que passaram a representar o cristianismo e o marxismo, por exemplo. De simples objetos de consumo que nada representavam como o vinho e o pão, passaram a ser concebidos como símbolos dos cristãos, como uma analogia ao corpo e sangue de Cristo; de objetos de trabalho como a foice e o machado, à filosofia defendida pelo comunismo, de que as forças trabalhistas unidas poderiam produzir muito mais do que a elite dominante consagrava e pregava como ideário de desenvolvimento.

Bakhtin acreditava que o ideal na análise de um discurso, seria primeiro, avaliar o conflito interior de um mesmo sistema. Por isso desenvolveu sua teoria a partir da filosofia marxista que refletia tal conflito. Ele afirmava ainda que

a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana. A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução, por um lado, obedece a leis internas (reconstrução analógica, economia), ela é sobretudo, regida por leis externas, de natureza social. O signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao “sinal” inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato (Idem, p – 15).

Nessa perspectiva, língua, para Bakhtin, seria a expressão das relações e lutas sociais que, vinculadas ao efeito dessas lutas, servem de instrumento e de material, por ser a palavra o fenômeno ideológico por excelência. É a partir dela que a comunicação se transforma em material privilegiado, por ela estar em todos os atos de compreensão e de interpretação. Sendo assim, o surgimento do signo se dá com o processo de interação entre consciências individuais e para Bakhtin, a consciência só é consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e somente no processo de interação social. E quando há a interação, há consequentemente, a concretização da comunicação. Sobre a consciência Bakhtin ainda diz que:

A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc., constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (Idem, p – 36).

Bakhtin trabalhou com a concepção semiótica na teoria do signo ao afirmar que o signo é ideológico, e o fez durante o estudo de um discurso concretizado em uma sociedade. E é na enunciação, segundo Émile Benveniste, qualquer que seja ela, que está presente o tempo (agora – presente; então – futuro, pretérito); o lugar (aqui – de onde parte a enunciação; lá – onde a enunciação não está); e a pessoa (eu – 1ª pessoa, de quem parte a enunciação e o enunciado; ele (3ª pessoa – para quem a enunciação é dirigida). Ou seja, a noção semiótica trabalha com a pressuposição da enunciação; do posto que é o enunciado, e do implícito que é o enunciatário. Para analisar a ideologia, tem que se analisar a enunciação que só se concretiza a partir das relações lugar/tempo/pessoa, ditas acima, que estão concretizados, de acordo com Bakhtin, com Rússia/século XX/sociedade socialista.

Quando nos reportamos à teoria do signo defendida por Ferdinand de Saussure, vislumbramos uma realidade bem adversa no que tange à importância da fala, pois o estudo dela, segundo ele, só tem espaço na Linguística porque está relacionada à língua. Ou seja, é a fala que irá concretizar a língua. Já o estudo desta tem um fim em si mesma. Isto é, estuda-se a língua para entender a língua, seu mecanismo de funcionamento e não para entender uma sociedade, como fez Bakhtin.

Se a Semiologia estuda a língua enquanto real e a única forma real da língua é a fala, a única língua que realmente existe é a falada, entende-se porque Saussure não tenha se dedicado ao estudo semiológico, já que seu objeto de estudo foi a língua.

Para Saussure o único modelo de língua que existe é a fala por ela ser diacrônica e sincrônica. Ele foi o único a estudar a linguagem dividindo-a em diacronia \_\_ voltada para o sistema, a imutabilidade e a estaticidade da língua, teoria proposta pelos neogramáticos; e sincronia \_\_ voltada para a estrutura, a mutabilidade e evolução da língua, e foi proposta por Saussure, que se dedicou efetivamente à sincronia, pois para ele, é difícil perceber a língua fora do tempo. Como veremos abaixo, para Bakhtin a sincronia não é real na percepção do historiador que adota o ponto de vista diacrônico,

na verdade, para o historiador da língua que adota um ponto de vista diacrônico, o sistema sincrônico não constitui uma realidade; ele apenas serve de escala convencional para registrar os desvios que se produzem a cada momento do tempo. O sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência do locutor de uma dada comunidade linguística num dado momento da história. Objetivamente, esse sistema não existe em nenhum verdadeiro momento da história. Podemos admitir que no momento em que César escrevia suas obras, a língua latina constituía para ele o sistema imutável e incontestável de normas fixas; mas, para o historiador da língua latina, naquele mesmo momento em que César escrevia, produzia-se

um processo contínuo de transformação lingüística \_\_ mesmo se o historiador não for capaz de registrar essas transformações ( Idem, p – 91).

Mas retoma a idéia ao afirmar que seria um erro dizer que a língua, enquanto sistema de normas imutáveis e incontestáveis possui existência objetiva e conclui seu pensamento afirmando que

exprime-se uma relação perfeitamente objetiva quando se diz que a língua constitui, relativamente à consciência individual, um sistema de normas imutáveis, que este é o modo de existência da língua para todo membro de uma comunidade lingüística dada (Idem, p – 91).

Do ponto de vista da estrutura, o sistema lingüístico é imutável, mas há uma movimentação de pensamentos e ideologias no discurso dos enunciadores que fogem a esse preceito. E talvez neste sentido despertar para a noção de valor que Bakhtin trabalha em sua teoria, quando se refere ao psiquismo. Sobre essa questão, ele afirma que o organismo é um receptáculo que consegue transformar tudo o que recebe “em material para a expressão psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo. É verdade que nem todos estes elementos têm igual valor.” (Idem, p – 52)

Dessa forma, pode-se afirmar que também em Bakhtin o valor está relacionado com as diferenças, da mesma forma que em Saussure. Salvo que a teoria bakhtiniana refere-se às ideologias e como elas atuam no psiquismo \_\_ já que na concepção da teoria marxista havia a necessidade de constituir uma psicologia verdadeiramente objetiva \_\_ tais fundamentos de estudo deveriam ser sociológicos e não fisiológicos ou biológicos, pois que “A consciência constitui um fato sócio-ideológico, não acessível a métodos tomados de empréstimo à fisiologia ou à ciências naturais” (Idem, p-48).

Dessa forma, percebe-se que o fenômeno psíquico quando é compreendido e interpretado, ou seja, quando há interação entre sujeito e meio, é possível explicá-lo por fatores sociais, que irão determinar a vida concreta de um determinado indivíduo, inserido nas condições do meio social, como defende Bakhtin. Se há interação, há comunicação e consequentemente persuasão, princípio das teorias sociais de manipulação.

### 3 – O plano do conteúdo para Louis Hjelmslev

Louis Hjelmslev é considerado um dos grandes contribuintes para os estudos lingüísticos, e foi quem criou os princípios que fundamentaram a Glossemática.

De todas as suas produções, segundo especialistas, a mais importante foi *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Nessa obra ele defende que o signo se divide em *plano da expressão* e *plano do conteúdo*, ou seja, os prolegômenos, abandonando, assim, a proposta de signo defendida por Saussure, que desmembra o signo em *significante* e *significado*.

Ao reformular a lingüística e rever o modelo de Saussure, que mostra a língua como um sistema de signos, Hjelmslev passa a ver a língua como um sistema de figuras, ou seja, não-signos, que combinados, produzem signos. Sobre a língua ele afirma que elas

não poderiam ser descritas como simples sistemas de signos. A finalidade que lhes atribuímos por suposição faz delas, antes de mais nada, sistemas de signos; mas, conforme sua estrutura interna elas são sobretudo algo de diferente: sistemas de figuras que podem servir para formar signos. A definição da linguagem como sistema de signos não resiste, portanto, a uma observação mais profunda. Esta definição só presta contas das funções externas da linguagem, das relações da língua com seus fatores extra-lingüísticos, e não de suas funções internas (HJELMSLEV, 2003, p-52).

Já a fala, para ele é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores, e a linguagem

não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal,

a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte do desenvolvimento dessas coisas (HJELMSLEV, 2003, p – 1).

Linguagem, língua e fala, são para ele, a princípio, trabalhadas de forma bem diferente da forma com que Saussure o fez, pois saem do conceito que as limitam a sistemas e se transformam em formas valorativas que o indivíduo utiliza para construir sentido. Não se pode ignorar o que levou Saussure a ver nestes três elementos, pois que seu interesse era, mais uma vez frisando, o de estudar a língua pela língua e não um sistema que levasse os indivíduos a se interagirem, como fez Hjelmslev. Da mesma forma a fala para Saussure não era importante justamente porque o que o levou a estudar o signo não se fundamentava nela.

De acordo com esse pensamento percebe-se a razão que levou Hjelmslev a reformular o conceito de signo, ou seja, considerar que um signo é a união de um *significante* a um *significado*, seria limitado para o pensamento hjelmsleviano.

Nessa reformulação da teoria signica, Hjelmslev incorporou a noção de *valor*, que Saussure trabalhou em seu conceito de signo. E inicia sua teoria afirmando que o signo é a união do *plano da expressão* a um *plano do conteúdo*, e cada plano corresponde a dois níveis, que seriam a *forma* e a *substância*. Há uma *forma do conteúdo* e uma *substância do conteúdo*; uma *forma da expressão* e uma *substância da expressão*.

A *forma* seria o que Saussure chamou de *valor*, isto é, um *conjunto de diferenças*. Para definir, formalmente, um *som* e um *sentido*, é necessário que se estabeleça oposições entre eles por traços. Por exemplo, ao analisar as diferenças fônicas do *p/b*, percebe-se que enquanto um (*p*) apresenta o traço /surdez/, o outro (*b*) apresenta o traço /sonoridade/. Mas a oposição entre eles só se construirá sobre uma identidade, e o que há de semelhança é que ambos são *oclusivos* e *bilabiais*.

Para as diferenças semânticas da *forma*, pode-se utilizar o exemplo dos termos *homem/mulher*. Ambos possuem o traço /humano/ e se diferenciam porque *homem* apresenta o traço da masculinidade, e *mulher* o da feminilidade. Além disso, *homem* é um termo utilizado para se referir a *ser humano* em geral. Dessa forma, ao relacionarmos as palavras *homem* e *mulher*, há a determinação de que o termo *homem* tenha dois *valores* diferentes.

Para a *substância*, Hjelmslev detalhou a *da expressão* que seria os *sons*, e a do *conteúdo* que seria os *conceitos*. E conclui sua teoria dizendo que *sons* e *conceitos* são gerados pela *forma* e que estes não preexistem a ela; que a Linguística deve estudar só a *forma*, tanto da expressão quanto do conteúdo. O signo seria, então, representado pela fórmula ERC (expressão em relação com o conteúdo), unindo-se as duas formas que se manifestam por duas substâncias. Sendo assim, segundo o dinamarquês, o indivíduo produz *significação*, ao elaborar frases, textos, uma pintura, uma escultura, ou seja, qualquer produção dotada de sentido, não só quando ele enuncia os morfemas (signos mínimos de uma língua).

Louis Hjelmslev defende que o pensamento é a substância do plano do conteúdo e a língua é a forma do plano do conteúdo. A substância é o som articulado e a forma o fonema. É na junção do fonema com a unidade psíquica que surgirá a semiótica.

Hjelmslev foi o primeiro pesquisador a desenvolver uma teoria do texto de acordo com o conceito de signo. E esta foi a primeira tentativa de se entender o signo por um conjunto de coisas.

Nessa acepção, não se deve confundir ausência de conteúdo com ausência de sentido, pois “o conteúdo de uma expressão pode perfeitamente ser caracterizado como desprovido de sentido de um ponto de vista qualquer (por exemplo, o da lógica normativa ou do fisicalismo) sem com isso deixar de ser um conteúdo” (Idem, p-54).

Assim, quando se faz referência à Semiótica, diz-se que nela trabalha-se somente o plano do conteúdo. Isso não significa que o plano da expressão seja ignorado, mesmo porque é impossível separar, como disse Hjelmslev, um do outro. Mas é perfeitamente compreensível que no plano do conteúdo esteja presente o sentido das ideias e é nele que se percebe a semiótica.

## Conclusão

A teoria Semiótica foi desenvolvida por uma necessidade, como se pode perceber no decorrer deste trabalho, de aprofundar os estudos discursivos, ou a análise dos discursos. E entender a semiótica sob essa perspectiva só foi possível, também, com a proposta inicial da teoria do signo de Saussure. Da relevância da concepção ideológica de Bakhtin, pois a ideologia é inerente ao ser humano, e da forma como Hjelmslev interpretou, principalmente, o plano do conteúdo, já que é este que irá articular o estudo do sentido das ideias.

Deter-se no estudo da estrutura das palavras, deter-se no complexo estudo das frases e ignorar o texto e sua significação, ou seja, os percursos que o texto faz para ser compreendido e interpretado, para gerar sentido, seria aceitar a estagnação da ciência ou mesmo ignorar sua evolução.

As várias vozes da enunciação estão presentes nos textos, sejam eles linguísticos ou semióticos, e registram as situações sociais, econômicas, culturais, ou seja, o contexto ao qual o indivíduo está inserido. Analisar os discursos desses indivíduos não seria possível do ponto de vista gramatical, por exemplo. Pois segundo Tatit,

as gramáticas que nos explicam as construções frasais mostram-se inadequadas para a descrição da combinação dessas unidades num contexto mais amplo, embora as frases façam parte do texto, a análise minuciosa de cada uma delas em nada contribui para a compreensão global do texto (TATIT *apud* FIORIN, 2003, p-187)

Ainda na concepção de Tatit, “a semiótica adota a forma ‘sintático’ para definir relações entre categorias referentes ao texto global, reservando o termo ‘sintático’ para relações entre elementos no nível da frase” (Idem, 2003, p-188).

Algirdas Julien Greimas, inspirado nessas teorias desenvolvidas pela Linguística, principalmente na proposta do linguista Lucien Tesnière e na análise do conto maravilhoso russo elaborado por Vladimir Propp, organizou sua própria teoria narrativa, na qual inseriu os elementos que demonstram a possibilidade de se fazer uma abordagem sintática integral de um texto.

Em seu projeto, Greimas, tinha como objetivo alcançar a descrição da teoria que Louis Hjelmslev desenvolveu sobre a forma do conteúdo, ou seja, “uma espécie de estrutura geral da significação que subjaz aos textos sejam eles verbais ou não-verbais” (Idem, p-189).

Mas o que importa ressaltar, neste momento, é que a semiótica, desde os seus primórdios, desenvolveu a teoria que analisa o conteúdo humano manifestado numa extensão que vai além da análise do nível da frase, ou seja, a transfrasal.

A semiótica, diferentemente das gramáticas normativas, nunca se esquivou de valorizar a dimensão semântica dos textos como parte fundamental de seu objeto de estudo, mesmo que seu maior desafio tenha sido o de conseguir extrair o valor sintático dos textos.

## Bibliografia

- BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BANVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5 Ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2005.
- DOSSE, François. *História do Estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Linguística I: objetos teóricos*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- HJELMSLEV, Loui. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia linguística: Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Editora UFG, 2008.
- PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 27 Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.